

O BOLSONARISMO E O BRASIL PROFUNDO: NOTAS SOBRE UMA PESQUISA

Fabio Peixoto Bastos Baldaia¹
Tiago Medeiros Araújo²
Sinval Silva de Araújo³

Resumo: O trabalho expõe alguns dos resultados parciais da pesquisa em andamento intitulada “O Bolsonarismo e o Brasil Profundo: uma análise sobre a ascensão e a permanência de um fenômeno sociocultural e político”, realizada pelos membros do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Brasil Profundo. Trata-se de uma análise e de uma interpretação dos vínculos entre o fenômeno sociocultural e político do Bolsonarismo e o conjunto de práticas e representações de longa duração que constituem a experiência do povo brasileiro em sentido lato e que fornecem o conteúdo da noção de Brasil Profundo explorada pelo Grupo. Busca-se explicitar os elementos do Bolsonarismo cujas raízes estendem-se para além das ocorrências conjunturais, que galvanizam a maior parte dos esforços interpretativos na academia e na imprensa atualmente, e que revelam seus laços com a formação social e histórica do Brasil em suas distintas regiões. Por fim, sob tal foco, pretende-se oferecer recursos teóricos e hermenêuticos com os quais compreender as motivações da ascensão e o do apoio relativamente estável que parte da sociedade brasileira provê às pautas políticas e culturais do Bolsonarismo, bem como à figura emblemática de Jair Bolsonaro.

Palavras-chave: Bolsonarismo, Brasil Profundo, Representações, Repertórios, Práticas .

1. Introdução:

Nos círculos acadêmicos e midiáticos, o Bolsonarismo tem sido interpretado como um fenômeno político derivado da presença e da influência do presidente Jair Messias Bolsonaro. Esse sufixo - "ismo" - designa algo que ultrapassa o personagem e abarca uma série de expectativas, percepções e visões de mundo que não se esgotam em sua figura. Isso sugere que Bolsonaro se tornou o principal intérprete e o mais conspícuo mediador, no campo político, de um movimento recente, no plano das ideias e práticas, que atraiu significativo e diversificado contingente de brasileiros.

¹ Professor de Sociologia do IFBA. Líder do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Brasil Profundo. E-mail: fp.baldaia@hotmail.com

² Professor de Filosofia do IFBA. Segundo Líder do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Brasil Profundo E-mail:

³ Professor de Sociologia do IFBA. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Brasil Profundo E-mail:

É razoável analisar o Bolsonarismo pela injeção de transformações: (1) ocorridas no cenário político com a ascensão da nova direita (CEPÊDA, 2018), (2) aceleradas pelas mudanças nas condições sociais da comunicação política e da própria esfera pública brasileira cada vez mais digital e digitalizada (ALMADA et al), e (3) facilitadas pelo contexto político de uma aversão crescente ao Partido dos Trabalhadores (PT), que derivou do esgarçamento do modo de gerir o presidencialismo de coalizão aliado à prolongada recessão econômica (CARVALHO, 2018). Nessas circunstâncias, o Bolsonarismo emergiu capitaneado pelo Deputado Federal Jair Bolsonaro, até então um político pouco expressivo e cliente de nichos eleitorais ligados a militares no estado do Rio de Janeiro, que conseguiu congrega em torno de seu nome supostas capacidades extraordinárias de modificar a “velha política” e extirpar as mazelas do país. Bolsonaro foi eficiente na empreitada política e simbólica de associar à esquerda o vínculo com o petismo e, por essa via, a uma alegada "degradação moral" que incluiria elementos como a homossexualidade, a pedofilia, o aborto, a distorção da estética artística, a complacência com a violência e a corrupção.

As representações e práticas políticas derivadas da crítica ao “esquerdismo” alicerçaram-se em contingente diversificado de eleitores: o pequeno empresariado, os servidores públicos dos mais altos escalões, os profissionais liberais, os pequenos e médios produtores rurais, os latifundiários, os militares, os policiais, os profissionais da área de transporte e os religiosos conservadores, notadamente evangélicos neopentecostais. Como se pode constatar nas pesquisas de opinião, o seu público predominante incluiu eleitores do Centro-Sul, dos quais homens, brancos e de classe média foram majoritários. (NICOLAU, 2020) Estes que foram, tudo indica, mais sensíveis às estratégias políticas e de inserção das redes digitais bolsonaristas que acabaram por pautar debates da esfera pública brasileira, por meio do fomento de linguagens e práticas que acentuaram conflitos e polarizações.

Em linhas gerais, o objetivo desse artigo é trazer alguns elementos analíticos e interpretativos gerais oriundos da pesquisa em andamento “O Bolsonarismo e Brasil Profundo: uma análise sobre a ascensão e permanência de um fenômeno sociocultural e político” contribuindo para identificar e esclarecer, ao menos parcialmente, repertórios,

práticas e representações que viabilizaram a ascensão do Bolsonarismo e que tem conferido duração ao fenômeno.

2. Por que pensar o Bolsonarismo?

Diante do aparente ineditismo do Bolsonarismo na vida política e cultural brasileira, ainda há razoável incompreensão sobre os caminhos que tem tomado política nacional brasileira, assim como sua esfera pública, especialmente depois do período em que a pandemia se instalou no mundo. Analistas erram mais do que acertam quando discorrem sobre os rumos do governo Bolsonaro, pois parecem presos ao uso de instrumentos de interpretação inadequados ou insuficientes para o desafio. Apesar do mérito de diversos livros e artigos, nota-se que por ser um fenômeno recente e que tem afetado a vida social brasileira de modo agudo, a análise do Bolsonarismo envolve diretamente paixões políticas que fazem com que os diagnósticos tenham considerável peso conjuntural e perceptível parcialidade que compromete a visão de totalidade do objeto. A principal consequência desse modo de interpelar o fenômeno é a acentuação do Bolsonarismo enquanto uma descontinuidade na vida nacional, deixando em segundo plano ou mesmo desconsiderando dimensões sociais, culturais e políticas que formam o próprio “palco” onde transcorre o drama sociocultural bolsonarista.

Essas características conduziram no curso do diagnóstico da literatura a perceber que as próprias interpretações constituem o fenômeno, sendo ao mesmo tempo fonte secundária e composição do objeto. Além disso, a interpretação do Bolsonarismo ainda não logrou unidade na análise acadêmica, e mesmo jornalística, o que se reflete na forma diferente como a literatura remete ao fenômeno. Na pesquisa em curso, a partir da exaustiva revisão da literatura sobre o tema, tipificamos os trabalhos, livros, artigos científicos e artigos de jornal, segundo suas ênfases na interpretação do Bolsonarismo, conforme a tabela abaixo:

Tipo	Ênfase
1	Figura Bolsonaro, fatores de personalidade e trajetória

2	Contexto político, econômico e impactos das manifestações de 2013
3	Uso eficiente de comunicação política em ambientes digitais
4	Integração a fenômenos internacionais de ameaça à democracia, ascensão de novas direitas e populismos
5	Adesão à pauta evangélica
6	Militarização da sociedade, difusão de milícias e papel da crise na segurança pública nos grandes centros urbanos
7	Avanço do neoliberalismo nos planos econômicos e das subjetividades
8	Consequência de ações geopolíticas e conexões com a Lava Jato
9	Reação aos novos movimentos sociais e a produção de reformas jurídicas e políticas relacionadas a gênero, corporeidades, direitos reprodutivos e sexualidade

Tabela 1 – Tipificação das Ênfases das Análises do Bolsonarismo

Fonte: autores

Assim, a pergunta que motiva a pesquisa, a saber, "o que respalda o apoio das massas de brasileiros ao governo Bolsonaro?", aponta para o caminho menos experimentado entre os analistas, aquele que mergulha na cultura política para alcançar padrões comportamentais difusos e característicos da sociabilidade e institucionalidade do que chamamos de Brasil Profundo. É no acesso aos aspectos da mentalidade de longa duração que se reproduz em crenças, valores e hábitos nacionais, e no entendimento de como a conjuntura presente os metaboliza, que temos uma pista de onde encontrar o êxito e a resiliência do apoio ao presidente e ao seu governo. Ao privilegiar o ângulo pelo qual o objeto focado é o Brasil Profundo, aporta-se uma contribuição às pesquisas e análises que têm circulado: a explicação do fenômeno conjuntural de apoio pela identificação com as representações presentes na cultura nacional que são duradouros, ainda que aparentem ser inteiramente originais. O modo como Bolsonaro e seus críticos trafegam mobilizando representações associadas, por exemplo, à masculinidade, ao crime, aos indígenas, à

crítica à institucionalidade política, entre outros temas, demonstra tanto um uso estratégico de ideias difundidas, simples e com razoável aceitação, como se configura em uma performance política em que seu personagem líder aparenta ser uma “pessoa comum”. O modo como o Bolsonarismo articula os temas e propõe enquadramentos, com uso de ferramentas de comunicação política notadamente digitais, aumenta ou diminui a temperatura de adesão e aversão ao governo, o que é medido de perto pela equipe que direciona uma espécie de campanha eleitoral permanente do presidente.

A abordagem da Pesquisa que fundamenta o presente texto é eminentemente multidisciplinar. Ela conta com o aporte de conhecimentos oriundos da Ciência Política, da Sociologia, da Filosofia Política e da Antropologia, e se especializa em um tipo de Sociologia da Cultura Política Brasileira. Seu instrumental diversificado oferecerá a possibilidade de abordar o Bolsonarismo em uma moldura mais ampla do Brasil Profundo, e com isso explorar a pregnância do segundo sobre o primeiro, além de prover nuances explicativas inovadoras.

Diante da complexidade do objeto de pesquisa e da apresentação de sua dinâmica no plano da efetivação das opiniões e do voto, mas também da conexão com dimensões profundas das mentalidades expressas na cultura nacional, traçamos o desenho da pesquisa prevendo a utilização de metodologia quantitativa e qualitativa. O método quantitativo tem cuidado de analisar a evolução das pesquisas de avaliação - da candidatura, em 2018, às mais recentes - e caracterizar um padrão referido a comportamentos com reflexos na massa de apoiadores do Bolsonarismo. Já com o método qualitativo, tem analisado de conteúdo e serialização de fontes, consistindo no esforço de examinar as mensagens de Bolsonaro nas eleições e o que efetivamente tomou a forma de discurso e de escolhas durante a gestão.

A pesquisa detém-se ao recorte temporal compreendido entre junho de 2018 e junho de 2021. Esse recorte contempla as eleições de 2018, a primeira metade do mandato de Bolsonaro, o impacto da crise da Covid-19 e as eleições municipais de 2020. O recorte demográfico considera o Brasil enquanto totalidade política, social e econômica, apesar de serem reconhecidas as clivagens de classe, de região, de gênero, de geração e étnico-raciais.

Até o momento a equipe de trabalho⁴ realizou o levantamento e leitura de boa parte dos livros e artigos publicados no Brasil e exterior nos últimos 3 anos que tematizam o Bolsonarismo, tipificando, conforme tabela 1, segundo categorias de análise criadas para identificar o corpus de representações bolsonaristas, bem como realizou o levantamento de todas as matérias publicadas nos jornais Folha de São Paulo e G1 entre 01/2018 e 04/2021. Além disso, identificou preliminarmente os principais conteúdos mobilizados no repertório bolsonarista, divididos por três grandes eixos: Instituições, Cultura e Conservadorismo.

3. Fundamentação Teórica

O enquadramento dado ao fenômeno do Bolsonarismo e sua relação com o que denominamos Brasil Profundo necessita, para a adequada interpretação, do generoso aporte de referenciais sociológicos, filosóficos, políticos, econômicos e comunicacionais. Porquanto, situa-se como uma tentativa de enfoque que vai além de análises políticas meramente conjunturais e que tomam a política como que isolada da vida social, cultural e econômica. Assim, a seguir, será definido como se entende a noção de Brasil Profundo, em seguida, será situado o Bolsonarismo através da literatura sobre o tema e, por fim, o objeto será posicionado no plano econômico, cultural e no contexto das estratégias de comunicação política marcadas pela desinformação característica dos últimos anos.

Brasil Profundo é uma noção ainda em desenvolvimento pelo Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Brasil Profundo que objetiva garantir um tratamento adequado à singularidade da nação brasileira ao tomar como questão de partida a ideia de que o Brasil real, vivido e singular, difere substancialmente de um Brasil tido como oficial pelas instituições especialmente vinculadas ao Estado e aos segmentos dominantes da sociedade brasileira. É preciso, portanto, construir formas de analisar e atuar que se aproximem efetivamente da experiência nacional. Esse tipo de abordagem se faz importante uma vez que, nas últimas décadas, as reflexões sobre o Brasil como objeto *sui generis* perderam fôlego e as que são predominantes reproduzem modelos de análise que não tem possibilitado acessar as dimensões da formação social, cultural, política e

⁴ A Equipe da pesquisa é composta por Tiago Medeiros (IFBA), Sinval Araújo (IFBA), Fabio Baldaia (IFBA), Wendel Costa (IFBA), Mirela Rodrigues (IFBA), Emily Vasconcelos (UFBA) e Vinicius Melo (IFBA).

econômica brasileiras. Tais dimensões que se aproximam do que Fernand Braudel (1965) denominaria, ao referir-se a fenômenos históricos, longa duração.

Historicamente, a partir do século XIX, observa-se uma intensa discussão acerca do caráter nacional brasileiro por parte de cronistas, intelectuais, escritores, artistas e naturalistas, tais como Manoel Bomfim, Capistrano de Abreu, Pedro Américo, José de Alencar, Gonçalves Dias, Carlos Gomes, Machado de Assis, Jean-Baptiste Debret, Euclides da Cunha, entre outros (REIS, 2007). É naquela época que se acentua a problemática da nacionalidade, que se tornaria dramática no fim daquele século e no início do seguinte, quando se buscaram encontrar ou construir elementos que pudessem configurar uma nacionalidade brasileira.

A abertura do século XX viu intensificarem-se os debates no que tange a brasilidade. Na década de 30, a institucionalização da afirmação nacional da Era Vargas, a partir de uma política nacionalista, corporativista e populista, promoveu a oficialização do nacional calcada no fortalecimento de uma identidade coletiva forjada pelo imaginário do samba, da tropicalidade e da mestiçagem.

Na mesma década, consolidaram-se análises responsáveis por alçar o Brasil a tema digno nas Ciências Sociais, como a contribuição dos trabalhos de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. Essa tradição teve continuidade na Antropologia através de autores como Roberto da Matta e Darcy Ribeiro; na Sociologia, com Guerreiros Ramos, Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso; na Ciência Política, com Carlos Nelson Coutinho, Chico de Oliveira, Francisco Weffort; na História, com Emília Viotti e Maria Isaura Pereira de Queiroz. Na ciência econômica, autores como Celso Furtado deram contribuição na mesma senda - citando apenas alguns.

A partir dessa tradição, e nessa trilha, define-se Brasil Profundo como:

- Uma noção que engloba práticas e representações de longa duração, e se aplica a indivíduos socializados no interior do estado-nação brasileiro que reinterpretam, traduzem e criam agenciamentos e articulações sociais, culturais, políticas e econômicas. Tais ações são possíveis porque essa massa de brasileiros agem margeando, atravessando, subvertendo ou sobrepondo-se às instituições hegemônicas em geral operacionalizadas por segmentos sociais detentores de maior acúmulo de capital econômico e/ou simbólico (BOURDIEU, 2001). O

Brasil Profundo, portanto, traduz uma matriz de práticas que emergem com mais frequência nos segmentos subalternizados da classe trabalhadora brasileira, mas que comporta nuances para além da categorização de classe, espraiando-se como mentalidades que acionam comportamentos mesmo em setores sociais médios e, ocasionalmente, de elite, podendo se articular em camadas vinculadas a gênero, raça, regionalidade e outras.

Mas por que apresentar a noção de Brasil Profundo em uma investigação sobre o Bolsonarismo? A resposta é que a partir das pistas deixadas por essa noção será possível entender a ascensão e permanência do Bolsonarismo, utilizando a ideia de que ambos possuem afinidades eletivas, uma relação complexa e sutil entre duas formas sociais, algo além da perspectiva tradicional em termos de causalidade e contornando o debate sobre a primazia do “material” ou do “espiritual”. (LOWI, 2011) Nesses termos, sugere-se que o Bolsonarismo é um fenômeno, um encaixe social, político e cultural facilitado pelas condições preexistentes do Brasil Profundo. Essa vinculação poderá ser mais problematizada pela remissão a seguir à recente literatura sobre o fenômeno.

Especificamente sobre o tema, Marcos Nobre (2020) argumenta que o Bolsonarismo, em última instância, é um projeto autoritário, empreitada de um grupo político que investe contra a Democracia. Encontra-se nessa análise ecos da obra *Como as Democracias Morrem* (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018) que contém argumentação sobre a difusão mundial de grupos políticos de viés autoritário os quais têm conseguido assumir espaços eleitorais significativos e lentamente solapado as bases institucionais da democracia liberal, tais como a liberdade de imprensa, a confiança no conhecimento científico e a credibilidade do sistema judiciário. Marcos Nobre sustenta que há uma tendência do Bolsonarismo de enfrentar a disputa política a partir de uma lógica da guerra. O elevado número de militares e policiais da ativa e da reserva em cargos da Administração Federal, assim como a insistência na pauta da disseminação da posse e do porte de armas pela população em geral, ajudam a conferir substância à abordagem conflitiva da política institucional. Segundo o autor: “Bolsonaro trouxe a ideia de que estava na hora de mudar o grupo dirigente, que estava na hora de submeter o resto do país ao grupo dos ‘autênticos brasileiros’, do ‘verdadeiro povo’.” (Nobre, p. 17) Deduz-se dessa interpretação que a maneira de apresentar o Bolsonarismo, como produto político,

foi, tanto como candidato quanto como presidente, permanentemente antissistema, em uma guerra incessante contra inimigos supostamente ardilosos: o Supremo Tribunal Federal, a imprensa, as universidades, os artistas, em suma, todos os que seriam obstáculos à implantação de nova hegemonia.

A abordagem de Nobre converge para a visão de Lilia Schwarcz (2018) a respeito do autoritarismo enquanto característica da cultura política brasileira. A antropóloga aponta as raízes dessa característica, buscando desfazer uma visão de que a cordialidade, no sentido cotidiano, seria um elemento perene das relações sociais brasileiras. A escravidão, o mandonismo, o coronelismo, o racismo, a desigualdade de gênero, a corrupção e o patrimonialismo seriam, para ela, aparições do desapareço nacional à democracia. Essa característica tem se expressado tanto na disseminação da violência urbana no Brasil, quanto na organização de grupos de milícias para controlar territórios anteriormente ocupados pelo tráfico de drogas. É nesse sentido que se pode dizer que o combate a violência urbana no Brasil sempre ultrapassou todo e qualquer limite institucional e constitucional.

Bruno Paes Manso e Pedro Inoue (2020) aludem acerca do modo brasileiro no combate ao crime por meio de facções também criminosas – aqui reside um traço da falsa moral do brasileiro e da cordialidade autoritária – expressa no tratamento da polícia a negros e pobres, no jogo do bicho e nas milícias. Essas últimas combinam práticas de homicídios, torturas, ameaças e alianças improváveis entre lideranças religiosas, setores das polícias, políticos e contingentes da população desprotegida pelo Estado que encontra na milícia proteção, serviços públicos e amparo social. Um arranjo social problemático que produz cada vez mais um *habitus* alheio à institucionalidade e à legalidade.

A nova solução para gerenciar o território se baseava na presença de autoridades policiais com capacidade e disposição para usar a violência. Envolve também parceria com a associação de moradores, que fazia contato no Parlamento municipal para conseguir benfeitorias em troca de votos, e a cobrança de taxas que geravam receitas na própria comunidade, como a venda de gás, instalação de gato de eletricidade e água. Tudo isso com o apoio dos policiais dos batalhões locais. (Manso, 2020, pg. 144)

Como nos lembra Lilia Schwarcz (2019),

Representados por um grupo de parlamentares que atuam no Congresso, a assim chamada “bancada da bala”, os quais continuam

atacando o Estatuto do desarmamento e defendendo maior “flexibilização da lei”. Entre as propostas do setor estão o aumento do número de armas, de seis para nove, por civil; redução da idade mínima para porte de arma; e o fim da necessidade de revalidação da licença a cada três anos. Parte dessas demandas foram atendidas pelo novo governo, e já no princípio da gestão, 2019. (SCHWARCZ, 2019, p. 156)

Por outro lado, Leonardo Avritzer (2019), de maneira bastante arguta, dirá que a democracia no Brasil se apresenta como pendular, oscilando entre momentos marcados por arranjos políticos tendentes ao autoritarismo e outros em que há uma coalização de forças e interesses que precipitam avanços nos direitos civis, políticos e sociais. Nos últimos anos, a seu ver, estaria acontecendo um processo, com paralelos no passado, de deterioração da democracia que denunciaria o caráter volátil da institucionalidade democrática no país.

Já Camila Rocha (2016), através de pesquisas de campo sobre a nova direita brasileira, aponta o quanto esses novos agrupamentos políticos constroem laços identitários e emocionais que extrapolam simplesmente a política enquanto luta instrumental pelo poder:

A percepção de que a militância de direita seria inautêntica, manipulada por elites políticas mais importantes e experientes e/ou formada por pessoas histéricas e paranoicas, que vem sendo contestada por uma nova historiografia, possivelmente guarda alguma relação com um entendimento implícito de que a posse de recursos materiais abundantes explicaria o sucesso das direitas em mobilizar parte significativa da sociedade civil em prol de suas causas. Contudo, ainda que a posse de recursos financeiros e organizacionais de fato ajude a explicar parcialmente o êxito de movimentos e mobilizações sociais, diversos outros fatores podem determinar seu sucesso ou fracasso, como a criação de fortes identidades coletivas, dinâmicas emocionais que surgem a partir de interações e conflitos entre grupos políticos, mudanças nas estruturas de oportunidades políticas que criam momentos mais propícios para a ação de determinados grupos e, nos últimos anos, a habilidade no uso (e a própria lógica) das mídias sociais, fatores que considero terem sido cruciais para o boom das novas direitas no Brasil em meio ao ciclo de protestos pró-impeachment de Dilma Rousseff (2014-2016). (ROCHA, 2016, p. 49)

Para os efeitos desse resultado que Rocha aponta, certamente foram imprescindíveis os mecanismos da comunicação política exercida através das mídias sociais. Assim, deve ser mencionado que a ascensão de Bolsonaro está ligada também ao fenômeno da desinformação e das fake news, na medida em que mobilizou

representações, leituras da realidade, emoções, persuasão e convencimento aproveitando-se de mudanças nas condições sociais da comunicação, como: a penetração social da internet, a hiper conexão, a comunicação móvel e o surgimento de ambientes digitais. (ALMADA et al, 2019)

Não pode ser negligenciado ainda o contexto econômico do Brasil nos últimos oito anos. A esse respeito, a economista Laura Carvalho (2018) trata da exaustão do modelo econômico implantado desde o fim do primeiro mandato do então presidente Luís Inácio Lula da Silva, que denomina “milagrinho” econômico brasileiro, com crescimento acima da média das últimas décadas e ancorado no aumento do valor das *commodities*, fenômeno sujeitou a economia nacional à oscilação cambial macroeconomicamente. Já Paulo Gala e André Roncaglia (2020) vão um pouco mais para trás no tempo e demonstram como a complexidade econômica do Brasil diminuiu em paralelo à sua desindustrialização, vulnerabilizando o país ao drama das economias que experienciam a chamada “armadilha da renda média” (GALA, RONCAGLIA, 2020).

4. O Bolsonarismo e as Instituições

No plano da relação do Bolsonarismo com as instituições e considerando o Bolsonarismo não apenas pelo ângulo das ações governamentais protagonizadas pelo presidente, como também pelo conjunto de atores da política profissional autodeclarados bolsonaristas, pelos veículos e porta-vozes de comunicação, pela militância da sociedade civil organizada em defesa dos valores bolsonaristas em explícita simpatia à persona de Bolsonaro, e pelo empresariado defensor da mesma ideologia, constataram-se os seguintes ingredientes da relação entre o Bolsonarismo e as instituições.

Primeiro, desde o início do governo, com ampla maioria no Congresso e grande apoio popular, o Bolsonarismo volta as suas energias não contra os partidos de oposição, mas contra as instituições que representam os impasses para a governabilidade: o judiciário, que impõe os limites da lei, e a imprensa, que impõe o inconveniente da supervisão e da crítica. Segundo, a tendência a optar pelo conflito em vez de pelo diálogo e pela cooperação, elevando a temperatura da rotina institucional, tanto nas instituições de poder, quanto nas de comunicação.

Terceiro, as ações do presidente para lidar com os impasses da lei e da crítica é sobretudo da ordem da cooptação por cargos (a) de atores que exercem influência na máquina pública e nos domínios do Estado; (b) financiamentos de jornalistas, empresários da comunicação e youtubers que exercem a tarefa de discurso de reequilíbrio crítico atacando a própria imprensa (Portal UOL, 21/02/2021); e da (c) cooptação por comunicação direta e constante com o seu núcleo de apoio – aqueles aos quais o presidente não pode cooptar com cargos ou financiamento de propagandas, mas pode conservar um elo ideológico (MEDEIROS, 2021). Quarto, as ações bolsonaristas pelos políticos profissionais é preferencialmente a de pressionar os legislativos por meio da exposição individualizada de alguns representantes em rede social, sem debate qualificado, com vistas a desgastar reputações ou praticar cancelamentos virtuais. Além de defender corporações e interesses fundamentalmente ligados aos segmentos de maior apoio ao Bolsonarismo, ocupando comissões de deliberação de assuntos sensíveis aos mesmos.

Quinto, as ações bolsonaristas pelos porta-vozes da comunicação segue o padrão da defesa irrestrita das ações do presidente, concessão de voz e alguma notoriedade a bolsonaristas da política e do empresariado e de preparação do terreno para as manobras de nomeação e destituição de personagens que se tornaram problemas para a administração (de Bebiano a André Brandão e Pazuello, passando por Santos Cruz e Sérgio Moro). Há ainda o ataque crítico massivo às instituições de impasse judiciário, o ataque é dirigido a juízes específicos, como Alexandre de Moraes e Gilmar Mendes, contra a imprensa, o ataque prioriza as empresas provedoras de serviços de comunicação, como a Folha de São Paulo e o Portal UOL.

Sexto e último, as ações bolsonaristas pelos militantes e pelo empresariado é fundamentalmente no campo do debate ideológico, ou da “guerra cultural”. A militância organizada por meio das redes digitais e com o auxílio dos instrumentos de fabricação artificial de avolumamento de comentários, curtidas e descurtidas nos perfis individuais (os robôs), intensificam as pressões eventualmente insinuando e até executando agressões físicas.

Como primeiros resultados nessas observações a respeito das relações, constatam-se que o Bolsonarismo consegue impor a pauta de assuntos na imprensa e no Judiciário,

mesmo não concedendo entrevistas e justamente por ferir constantemente a lei. Além disso, o Bolsonarismo inaugura assim uma “cultura institucional” calcada no conflito sem orientação definida, senão a da manutenção no poder – comparativamente, essa cultura é contrária à cultura institucional executada pelos governos petistas de cooptação das instituições por meio da captura de atores relevantes nos mais distintos segmentos

5. Notas Finais

A estrutura de oportunidade política (MCADAM; TARROW, 2009) no Brasil foi alterada significativamente desde pelo menos 2013. Os fatores que propiciaram essa alteração, segundo levantamento realizado, foram: (a) a crise do petismo e do lulismo enquanto forças políticas hegemônicas, a partir de 2013; (b) a exaustão do modelo de gestão econômica introduzido pelo governo federal entre 2008 e 2014 (CARVALHO, 2018; GALA e RONCAGLIA, 2020); (c) a disseminação social da percepção da incapacidade dos governos de atuarem na melhoria material da vida dos indivíduos, bem como o (d) deslocamento do debate público para a esfera da moral, dos comportamentos e das identidades (BOSCO, 2017). Nesse contexto, o Bolsonarismo, alavancado com a figura pública de Jair Bolsonaro, organizou repertórios que possibilitaram convergências com tendências de longa duração do Brasil Profundo, tornando-se o personagem social e político mais relevante no Brasil desde 2018.

Defende-se até aqui que a figura de Jair Bolsonaro se viabilizou e legitimou na interface entre elementos estruturais de longa duração da sociedade brasileira tensionados por rápidas rearrumações conjunturais do tabuleiro político, econômico e informacional. A performance de outsider de Jair Bolsonaro teria permitido ao mesmo “escorregar” com mais desenvoltura por entre as brechas abertas pela estrutura de oportunidade política, tendo aglutinado de modo surpreendente um grupo político-identitário ao mesmo tempo altamente coeso e diverso.

O Bolsonarismo conseguiu aglutinar em torno de si uma tradição conservadora brasileira desejosa de se ver representada nas estruturais de poder federal. Os militares das forças armadas que, fora na cena das estruturas de poder depois da abertura democrática de 1985, viu em Bolsonaro a possibilidade de retornar ao poder. Os militares das Polícias Militares, esses convivendo com o problema endêmico da violência urbana,

com baixos salários, mas também possuidores de forte presença autoritária na formação, viram no Bolsonarismo a possibilidade de ganho materiais, simbólicos e uma espécie de legalização da pena de morte extrajudicial. Setores conservadores, vinculados notadamente a grupos religiosos, que reivindicam o retorno ao que consideram “a tradição” e a “família tradicional viram em Bolsonaro a possibilidade da (re)construção do conservadorismo brasileiro. Todos esses elementos são ressignificados no atual contexto brasileiro, mas são, também, parte das nossas representações como povo e como nação. Como isso se quer dizer que o Bolsonarismo é um fenômeno do presente que é atravessado por um mosaico do passado.

Em suma, Bolsonaro soube capitalizar o desgaste provocado pela crise econômica e a descrença no processo político, se colocando como o tradutor das insatisfações e utilizando certa percepção difundida de degeneração moral da sociedade. Assim, o Bolsonarismo é uma inusitada articulação entre o desejo popular de resolver problemas sociais profundos por atalhos simplificadores e o uso instrumental de representações difusas da cultura política brasileira.

Referências

- ALMADA, M.P.; BARROS S.; CARREIRO, R.; GOMES, W. *Democracia Digital no Brasil: obrigação legal, pressão política e viabilidade tecnológica*. In: *MATRIZES - Revista da USP*. v.13, n. 3, 2019.
- AVRITZER, L. *O Pêndulo da Democracia*. São Paulo: Todavia, 2019.
- BOSCO, Francisco. *A Vítima tem sempre a Razão?* São Paulo: Todavia, 2017
- BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais: a longa duração*. Lisboa: Presença, 1969.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001
- CARVALHO, L. *Valsa brasileira: do boom ao caos econômico*. São Paulo: Todavia, 2018
- CEPÊDA, Vera Alves. *A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais*. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, v.23, n.2 (2018) - mai./ago,
- GALA, Paulo; RONCAGLIA, André. *Brasil, uma economia que não aprende*. São Paulo: Edição do Autor, 2020.

- INOUE, Pedro; MANSO, Bruno. *A república das Milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro*. São Paulo: Todavia, 2020.
- LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. *Como as Democracias Morrem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- LOWI, Michel. *Sobre o Conceito de “Afinidade Eletiva” em Max Weber*. In: PLURAL, Revista do Programa de Pós Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.17.2, 2011.
- NICOLAU, Jairo. *O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018*. São Paulo: Ed. Zahar, 2020
- NOBRE, Marcos. *Ponto Final: a guerra de Bolsonaro contra a Democracia*. São Paulo: Todavia, 2020.
- REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil: de Varhagem à FHC*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007.
- ROCHA, Camila. *O Boom das Novas Direitas Brasileiras: financiamento ou militância?* In: O Ódio como Política: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018
- SCHWARCZ, Lilia. *Sobre o Autoritarismo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.
- MCADAM, Doug; TARROW, Sidney. *Para mapear o confronto político*. Lua Nova, 2009, 76, p. 11-48.
- MEDEIROS, T. *L’armée privée de Bolsonaro et le future proche du Brésil*. *Observatoire de la Démocratie Brésilienne*. Disponível em: <https://observatoiredemocratiebresil.org/L-armee-privee-de-Bolsonaro-et-le-future-proche-du-Bresil>. Acesso em 28/04/2021.